

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

## **Mundo multipolar: sería o Brasil um novo líder?.**

Carlos José Crêspo Santos, Willian Fernandes de Figueiredo y Doris Aleida Vilamizar Sayago.

Cita:

Carlos José Crêspo Santos, Willian Fernandes de Figueiredo y Doris Aleida Vilamizar Sayago (2009). *Mundo multipolar: sería o Brasil um novo líder?. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1957>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# Mundo multipolar: seria o Brasil um novo líder?

**Carlos José Crêspo Santos<sup>1</sup>**

**Willian Fernandes de Figueiredo<sup>2</sup>**

**Doris Aleida Vilamizar Sayago<sup>3</sup>**

As circunstâncias econômicas atuais têm denotado um cenário no qual a unipolaridade da economia mundial, por parte dos Estados Unidos, parece estar decaindo. A falta de pulso do governo norte americano em contornar uma crise interna, que acabou tornando-se global, influenciou essa linha de pensamento, podendo configurar um deslocamento de poder, no qual verifica-se um declínio do status estadunidense e ascensão de outros Estados, os comumente denominados BRIC'S (Brasil, Rússia, Índia e China). Pretendemos verificar o comportamento brasileiro perante um mundo multipolar em construção enfocando na seguintes áreas: economia estabilizada, matriz energética e liderança regional. Possuidor de um amplo e diversificado mercado exportador, o país construiu bases econômicas estáveis que o tem deixado menos fragilizado perante crises, além de deter uma grande matriz energética renovável desenvolvida, de reconhecimento internacional. Destacado como liderança regional e representante dos países emergentes na OMC, recentemente abriu a Assembléia Geral da ONU e chefia as forças de Paz no Haiti desde 2004. Por fim, exerce posição de destaque nas decisões políticas internacionais derivadas não somente do poder bélico, mas principalmente da política apaziguadora de persuasão e moderação.

*Palavras-chave:* Política externa brasileira; multilateralismo; relações internacionais; países emergentes.

1 Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),  
cajecs@hotmail.com .

2 Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e em  
Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIJPÊ), williamffig@terra.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Sociologia, coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Participação e Democracia:  
Princípios e Mitos na Formulação de Experiências Inovadoras, docente da Universidade Estadual da  
Paraíba, orientadora e co-autora deste artigo. doris.sayago@gmail.com

---

## **Introdução: uma breve análise do cenário político-econômico internacional**

O quadro econômico atual reflete de fatores influenciados pelas ações de Estados visando manter ou expandir esferas de influência. Nessa aparente disputa, o mundo vem testemunhando o nascimento de um novo momento marcado, não mais pelo monólogo estadunidense desde a derrocada da URSS em meados dos anos 90 mas pela multipolaridade.

Faremos uma análise, teorizando sobre se as perspectivas podem ou não se concretizar tentando saber se os países emergentes vem ganhando mais espaço no meio internacional e como o Brasil aparece nessa conjuntura. Iniciamos analisando o Pós-Guerra Fria, o papel dos Estados Unidos e posterior cenário mundial após essa época de tensão global. Posteriormente trabalharemos os aspectos econômicos e diplomáticos brasileiros.

Caracterizado pela ascensão de países, até então, subestimados no âmbito das decisões geopolíticas. A transição para um sistema multipolar é o elemento central nesse cenário. Mas é a maneira como ela se processa que o distingue. “Nesse cenário, a desconcentração se opera de forma conflituosa, pela emergência de competidores com meios e disposição para contestar o papel de liderança da superpotência na condução dos assuntos internacionais.”(CRUZ E SENNES,2006).

O poder é estratificado de forma a compartilhar o controle da economia mundial não num só Estado, mas entre vários, dentre eles quais os BRICs (Brasil, Índia, Rússia e China). Estes se destacam pelos níveis de crescimento nas áreas econômica e social, ou até pela sua influência perante o sistema internacional. Podemos questionar o poderio de influência estadunidense, que declina conforme as nações emergentes ascendem e, portanto o capitalismo estadunidense aparenta já não levar à “rédeas curtas” os Estados outrora menos influentes e subdesenvolvidos..

É o terceiro grande deslocamento de poder da história moderna [...] Nos últimos 20 anos, o 'status' americano de superpotência em todas as esferas passou praticamente incontestado. Durante essa “Pax Americana”, a economia global se acelerou drasticamente. E essa expansão é a mola propulsora por trás do terceiro grande deslocamento

de poder – a ascensão do resto (ZAKARIA, 2004).

Observando, historicamente, testemunharemos a ascensão e queda de impérios que mantiveram séculos como regentes no meio internacional. É impossível precisar que a influência estadunidense está ruindo, mas sim que outras parecem estar surgindo, isso levará a um parcelamento desse poderio entre diversos outros Estados emergentes. “Muitos Estados já vem ganhando espaço e acelerando esse processo, em 2006 e 2007, a economia de 124 países cresceu mais de 4% ao ano.” (ZAKARIA, 2004).

O mundo parece querer se desvencilhar do estereótipo de vassalos de um império estadunidense para declarar emancipação dessas amarras econômicas. Assim como outrora o Império Turco-Otomano ou a Inglaterra dominaram o mundo como potências hegemônicas até perderem seu posto. Vale ressaltar que esse processo pode levar décadas para ocorrer.

Os Estados Unidos vivenciam o desenvolver disso, assiste seu poder concentrado se despedaçar em várias zonas de influências múltiplas ao redor do globo. O país demonstra não ter mais pulso para conter a emergência de Estados que por muitos anos foram meros exportadores de matérias primas.

“O momento Pós- Guerra Fria fez surgir várias hipóteses para até então futuro. Entre estas destacam-se três: 1) o surgimento de um novo período hegemônico no sistema internacional, com uma só potência com capacidade de alterar unilateralmente o sistema internacional, não necessariamente os EUA; 2) um novo sistema de equilíbrio entre potências, ocasionado pela união de diversas potências do Ocidente no G7, depois G8 com a inclusão da Rússia e 3) uma nova polarização, na qual os EUA, único sobrevivente da Guerra Fria, e ator principal desse processo, entraria em embate com uma nova potência a surgir, possivelmente a

China, motivada, em grande medida pelas suas divergências culturais e religiosas com aquele” (ALBUQUERQUE, 2005).

Quinze anos do fim da disputa Urso-baleia<sup>3</sup>, se tem um momento de transição contínua nas relações de poder entre os Estados. Por um lado, ainda se constata um declinante, porém vigente, controle dos Estados Unidos no andar do mundo contemporâneo, por outro lado, testemunhamos o nascer de novas potências, muitas das quais têm se unido para defender interesses mútuos perante os países que ainda tentam dominar o sistema internacional.

O triunfo estadunidense de 1989 deu impulso à globalização. Três fatores influíram sobre o reordenamento das relações internacionais: a ideologia liberal, a supremacia do mercado e a superioridade militar dos Estados Unidos (CERVO, 2008). Isto possibilita uma liderança mundial por parte dos EUA e manutenção das relações de poder entre este e os demais Estados. Seu poderio militar lhe garante e ainda o manterá como ator principal no meio internacional por um tempo que nem os mais graduados especialistas sabem dizer. Essa ascensão de emergentes, outrora ingênuos coadjuvantes no contexto global, desperta a atenção dos mais variados estudiosos, objetivando entender esse novo processo de multipolarização pós-Guerra Fria. Neste sentido Kennedy afirmou que:

Aquilo que o comentarista político Charles Krauthammer chamou de “momento unipolar” da história mundial acabou. Esse momento se caracterizou pela total hegemonia americana, logo após a derrocada da União Soviética. [...] É um cenário de declínio relativo dos EUA. Nos últimos 10 anos, surgiram potências que o país não pode intimidar ou mesmo influenciar. (KENNEDY, 2008, p. 88).

Constatamos que, dado esse admissível declínio estadunidense, abre-se espaço no âmbito internacional para o surgimento e crescimento de novas lideranças entre os Estados. Nesse contexto, podemos apontar o Brasil como um dos prováveis promissores nos mais diversos espaços, já que este tem logrado êxito em se falando de crescimento

econômico e forte atuação junto as potências, tendo peso de decisão em muitos casos, estes aspectos serão retomados mais a frente

### **Política econômica Brasileira**

Para destacar o Brasil como ator no cenário econômico mundial ressaltamos a sua incisiva busca pela diversificação de mercados, tentando conciliar as diversas potencialidades do mercado interno com os múltiplos interesses internacionais. A maioria das iniciativas busca ampliar as negociações comerciais bem como a coordenação política com Estados emergentes que tenham iguais possibilidades de crescimento. Assim, nos últimos anos, podemos notar que o país deu uma guinada no seu processo de inserção internacional.

“Uma imagem de liderança começou a ser atrelada ao Brasil, e este iniciou um processo de atração de países em desenvolvimento que objetivavam igualmente um poder de barganha frente às grandes potências, criando, assim, na OMC, o G-22, um grupo de nações com interesses em comum no âmbito das negociações comerciais, o qual já obteve sucesso ao conseguir trancar pautas que anteriormente seriam facilmente decididas em favor do Primeiro Mundo”(VIZENTINI, 2003, p107) .

O governo brasileiro parece enfatiza às relações com países do sul, cujos objetivos e atitudes, parecem aos poucos mudar a geografia do poder mundial. Com tamanha cooperação Sul-Sul, o Brasil tenta reverter a situação na qual se encontra em relação às atuais potências e tornar-se um país mais poderoso, utilizando-se, por exemplo, das reuniões do G20 para defender seus interesses.

O esforço em consolidar as negociações Sul-Sul é explicado por serem mais simétricas e por terem proporcionado a ligação entre mercados que possuem características semelhantes às brasileiras, como população, produto interno bruto, importância regional, recursos naturais, diversidade de mercados, além de serem economias globais. Podemos citar

dados divulgados pelo Ministério da Fazenda a respeito dos maiores importadores do Brasil: houve uma significativa diminuição percentual das importações dos EUA, de 24,34% em 2002 para 18,63% em 2005; já em relação às importações chinesas houve aumento de 4,16% para 5,64%, (SEITENFUS, 2007, p17) assim como sobreveio semelhante crescimento nas importações de vários outros países do Sul emergente, sendo possível comprovar que há uma tendência ao crescimento da cooperação entre os Estados “periféricos”.

“O neoliberalismo recua na periferia e se põe a serviço da União Européia e dos Estados Unidos, que aprofundam a aliança política, geopolítica e econômica. A supremacia desse velho capitalismo e de sua logística global mede forças com as nações emergentes, que também se aproximam entre si para domar o curso da globalização” (AMADO e CLODOALDO, 2008, p492).

A diversificação de mercados propiciou ao país a estabilização e fortificação econômica, incentivando assim bons resultados no superávit. A economia brasileira não mais se baseia somente na agricultura, ou nos moldes da substituição de importações, temos uma política de desenvolvimento industrial e tecnológico.

A política externa brasileira, segundo Vizontini(2005), tem intensificado a agenda pró-America do Sul. O Brasil passou a despertar a atenção dos países do Primeiro Mundo e a ser visto com outros olhos pela comunidade internacional, agora ocupando lugar de destaque nas negociações Norte-Sul. O atual plano econômico do Estado brasileiro visa atenuar o unilateralismo, busca uma maior colaboração e equilíbrio mundial, inserindo o Brasil nas relações multilaterais, de modo que aumente o peso do país nas decisões internacionais. Com a maior relação econômica e diplomática, é possível aumentar o intercâmbio financeiro, econômico e tecnológico entre os mais diversos países, visando uma autonomia do país em relação a qualquer outro estado.

Em termos quantitativos, a política externa do governo Lula da Silva pôs em prática um programa



de “diplomacia presidencial” [...]. Em artigo publicado em março de 2005, o ministro das relações exteriores, Celso Amorim, comenta que o presidente Lula da Silva realizou 56 viagens tendo passado por 35 diferentes países. Em contrapartida, recebeu 52 visitas de chefes de Estado e de governos oriundos de 39 países. (AMORIM, 2005,p1).

Os acordos firmados por Brasil, Índia e África do Sul, e posteriormente com China e Rússia, além de juntarem quase metade da população mundial e capacidade produtiva, possibilitaria negociações com os atuais blocos “econômicos gigantes” (Nafta e União Européia), com maior simetria. Dentre as várias medidas adotadas pelo governo brasileiro para a fortificação do país no cenário comercial, podemos citar: política de estreitamento dos laços entre os países sul-americanos, com ênfase não apenas no MERCOSUL, mas também em toda a Comunidade Sul-Americana das Nações (CASA); cooperação política e comercial com os grandes países emergentes; conservação das múltiplas negociações com os países do G7, mostrando-se amistoso no que tange aos interesses de manutenção da atual ordem internacional e disposto a manter e estimular as transações comerciais já consolidadas; mantém relações comerciais e de ajuda com países “subdesenvolvidos” de menor importância, localizados tanto na África Austral e como na Ásia e no Oriente Médio, promovendo, por exemplo, a aproximação entre o MERCOSUL e a SADC (Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral); tentativa de criação da área de livre comércio entre o MERCOSUL e a União Européia.

“Lula buscou equilibrar a correlação de forças internas e criar uma imagem de controle interno junto à comunidade internacional para, utilizando seu prestígio e de sua liderança, tornar-se o porta-voz dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, abrir espaço para a sua política externa arrojada e criar as condições para a implementação de seus projetos”(VIZENTINI, 2003).

Outro fator de relevância que possibilita melhorar a situação brasileira no mercado mundial é a sua grande população, que beira 190 milhões, cujo percentual incluso na classe média, ou seja, a proporção da população propensa a consumir em massa, se aproxima dos 50% e tende a aumentar a cada ano. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), desde 2002, essa parcela da população que é verdadeiramente economicamente ativa, que tem renda familiar entre R\$ 1.064 e R\$4.561, aumentou de 44% para 52%, o que comprova a robustez do mercado interno(Jornal do Senado, 2008, p6) .

Contribuíram para o aumento da classe consumidora a diminuição do desemprego, a formalização dos trabalhadores e programas de distribuição de renda. Estes são fortemente incentivados a irem às compras, quase sempre sustentados pelos empréstimos, outro fator de suma importância do desenvolvimento econômico do país, pois com a facilitação do acesso a linhas de créditos por partes dos bancos tanto estatais como públicos a população se sente livre para gastar, o que acelera a economia num todo. Somando-se que grande parte do crescimento do mercado interno esta sustentado pelo poder de compra da classe média, este por sua vez ligado à expansão do crédito.

Um grande empecilho ao crescimento dos Estados é a escassez de matriz energética. Vivemos uma dependência de petróleo, essa subordinação atrasa o crescimento econômico sustentável, Sendo assim, surge a necessidade de buscar novas alternativas energéticas, sob pena de o sistema esgotar-se sem que haja um substituto natural que o suplante. É necessário que se encontrem fontes energéticas capazes de manter os níveis de produção. Dentre os emergentes, o Brasil é aquele, que em meio a um mundo cada vez mais preocupado com o meio ambiente, possui energia limpa e renovável, cuja tecnologia de produção tende a ser reconhecida por todo mundo.

A riqueza gerada no mundo está assentada sob um padrão industrial, sendo que a principal força motriz o petróleo, deve ter suas reservas exauridas em um curto período de tempo, segundo alguns especialistas. As grandes empresas e o Estado hoje têm o desafio de produzir energia retirando da natureza o mínimo possível. Nossas fontes não são inesgotáveis, como antes se pensava. Os últimos 300 anos foram marcados por três grandes ciclos de fonte de energia. No século XIX foi o carvão, no século XX foi o petróleo e agora pode estar surgindo o ciclo da biomassa. O Brasil, por ser detentor de tecnologias que dominam esse novo ciclo energético, tem recebido grande atenção. Pesquisas e do desenvolvimento de fontes alternativas de energia, especialmente as que usam a biomassa como fonte tem sido objeto de

estudo nos mais variados meios.

O Brasil é detentor, segundo Paulo Sotero em artigo publicado no periódico *Asian Perspective*, de uma das últimas mega florestas tropicais, uma das maiores reservas renováveis de água potável, a maior reserva mundial de biodiversidade, detentor da melhor matriz energética, a mais bem sucedida produção em escala industrial de um combustível renovável. O Brasil tem assim todos os requisitos para desempenhar tal papel, desde que cresça sustentavelmente. Para driblar a escassez petrolífera, implementou o biodiesel. O país já detém toda tecnologia de produção em grande escala e que pode ser vendido para o mundo. Essa opção é vantajosa por ser muito menos poluente em relação aos combustíveis fósseis; a expansão da demanda por produtos agrícolas deverá gerar oportunidades de emprego e renda para a população rural; o aproveitamento interno dos óleos vegetais permitirá contornar os baixos preços que predominam nos mercados mundiais marcados por práticas protecionistas; diversificação da matriz energética, através da introdução dos biocombustíveis, sendo necessário definir uma metodologia específica para os estudos de alternativas de investimentos na introdução de novas tecnologias para a produção e distribuição e logística dos biocombustíveis; também podemos apontar vantagens financeiras, já que o biodiesel permitirá atingir as metas propostas pelo Protocolo de Kyoto, através dos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo, habilitando o País para participar no mercado de “créditos de carbono”; impulsionará o desenvolvimento regional, pois a dinâmica da globalização é renovar-se continuamente, sendo uma realidade que todo padrão de consumo capitalista é ditado pelas escalas mais elevadas, ou seja, por aqueles países detentores do padrão tecnológico mais avançado, logo é vital uma reestruturação do sistema produtivo, demonstrando a necessidade por inovações produtivas, inserindo-se aí a constituição de uma cadeia competitiva do biodiesel como resposta de desenvolvimento local ante o desafio global.

Outra opção quanto a energia é a utilização da cana-de-açúcar na fabricação do etanol. A competitividade da cana-de-açúcar para fins energéticos é o principal influenciador da produção de etanol, inclusive com excedentes exportáveis. Podemos prever um aumento da produção dos demais derivados desta matéria-prima, em especial a biomassa. A biomassa produzida poderá ser destinada à produção de etanol mediante a consolidação de um avanço tecnológico. O uso mais intenso deste como combustível automotivo reduz a demanda de gasolina, aliviando pressões o petróleo. Em decorrência do crescimento do consumo de energia no setor de transportes. Nessas condições, a cana e seus derivados podem vir a se tornar uma

das principais fontes de energia não só do Brasil, mas do mundo.

### **Um balanço final**

Diante disso, nos anos que se passaram após o fim da Guerra Fria, surge uma pergunta: como será definido o novo cenário internacional ?

Esse questionamento só o tempo responderá, diante dessa configuração internacional, o antigo papel de líder mundial, exercido pela Inglaterra e posteriormente pelos E.U.A., não é mais preenchido por um só país. De fato, o momento de transição mundial iniciado há quase 20 anos está levando os Estados num caminho divisionista do poder decisório nos rumos que os países vão tomar perante os mais diversificados problemas que surgem no cotidiano.

Os BRIC's somam quase a metade da população mundial, são “peças chave” nas deliberações a respeito da ordem mundial. Nosso artigo tentou mostrar como o Brasil se tornou um Estado importante na atual ordem internacional, despontando como uma verdadeira liderança. O país exerce influencia decisiva nas grandes reuniões de cúpula internacionais, pois com o apoio dos países do sul, para ter maior poder de barganha nas negociações internacionais. O Brasil, hoje, indiscutivelmente, já exerce papel de destaque como liderança latino-americana, e se sobressai como integrante do grupo dos grandes emergentes, países com poucas características culturais em comum e grande distância geográfica entre si, mas que através do crescimento econômico vêm ganhando espaço na economia global e com isso, conquistado papel de grande destaque econômico, financeiro, cultural e geopolítico no novo cenário internacional.

As relações com os países ricos, ocidentais, principalmente com os Estados Unidos e Europa se mantém amplas e cada vez mais fortes e continuam sendo fundamentais. O Brasil é, na maioria das vezes, defensor dos mesmos interesses das grandes potências. A política externa que o país tem adotado, procura acima de tudo, a independência pela diversificação. A formação do G20 é mais uma prova importante das lideranças meridionais, nas resoluções de grande importância global. O Brasil, nesse atual contexto, também tem poder de influência, conseguindo incluir na pauta das grandes contendas internacionais, temas antes deixados em segundo plano, com a questão ambiental e o problema da fome nas nações mais pobres.

O aprofundamento das relações com os países do Sul traz ao país maior simetria nas negociações internacionais. Este tem mostrado ser o caminho certo rumo à independência

econômica e posterior conquista do objetivo histórico da nação brasileira, atingir o desenvolvimento sustentável e ser líder no mundo multipolar

## Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Relações Internacionais Contemporâneas: a ordem depois da Guerra Fria**. Petrópolis: Vozes, 2005
- ARMIJO, Leslie Elliott. **The BRICs countries** (Brazil, Russia, India, and China) as analytical category: mirage or insight?. Disponível em: <http://www.asianperspective.org/past-issues.html> . Acesso em: 3 nov. 2008.
- CERVO, Amado Luiz. **História da política exterior do Brasil**, 3. Ed. Brasília:Universidade de Brasília, 2008
- \_\_\_\_\_.Formação de conceitos brasileiros de Relações Internacionais. **Revista Carta Internacional**, São Paulo, v. 3, n.1,p.3- 7, fev. 2008.
- CRUZ Sebastião C. Velasco, e SENNES Ricardo. **O Brasil no mundo: conjecturas e cenários**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v.20, n.56,p. 29-42, 2006.
- FIORI, José Luís. **A moeda, o crédito e o capital financeiro**. Disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=3977](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=3977) . Acesso em: 15 out. 2008.
- KAGAN, Robert .The **September 12 Paradigm ,America, the World, and George W. Bush** . Disponível em: <http://www.foreignaffairs.org/20080901faessay87502/robert-kagan/the-september-12-paradigm.html>. Acesso em: 17 out. 2008.
- HAASS, Richard N. e,LITAN, Robert. **Globalization and Its Discontents: Navigating the Dangers of a Tangled World**. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.org/19980501facomment1383/richard-haass-robert-litan/globalization-and-its-discontents-navigating-the-dangers-of-a-tangled-world.html> Acesso em: 26 out. 2008.
- MANDELSON, Peter. **Brazil and the global economy. Speech at the School of Economics and International Relations**. Sao Paulo, Brasil, 11 setembro de 2006 .
- OLIVEIRA, Henrique Alternani e LESSA, Antonio (org.) **Relações Internacionais do Brasil: temas e agendas**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- OLIVEIRA, Ivan Tiago Machado. A Ordem Econômico-Comercial Internacional: Uma Análise da Evolução do Sistema Multilateral de Comércio e da Participação da Diplomacia Econômica Brasileira no Cenário

Mundial. **Revista Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p.271-271, jul./dez. 2007.

- O'NEILL Jim,WILSON Dominic ,PURUSHOTHAMAN Roopa and STUPNYTSKA Anna. **How Solid are the BRICs?** GS GLOBAL ECONOMIC WEBSITE Economic Research from the GS Institutional Portal. Disponível em: <https://portal.gs.com> . Acesso em 6 nov. 2008.
- PAULINO, Luís Antônio. O Brasil, seus sócios e seus negócios. **São Paulo em Perspectiva**, v.16(2): p. 82-93, 2002.
- PURUSHOTHAMAN, Dominic Wilson Roopa. DreamingWith BRICs: The Path to 2050. **Global Economics Paper No: 99**. Economic Research from the GS Financial Workbench. Disponível em: <https://www.gs.com> . Acesso em: 6 nov.2008.
- SARAIVA, Maria Gomes. O segundo mandato de Lula e a política externa: poucas novidades. **Revista Carta Internacional**, São Paulo, v.2, n.1, p. 22-24, mar. 2007.
- SEINTENFUS, Ricardo. O Brasil e suas relações internacionais. **Revista Carta Internacional**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 11-21, mar. 2007.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Relações Internacionais do Brasil. De Vargas a Lula**.São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003
- VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia de Autonomia pela Diversificação. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 273 -335, jul./dez 2007.
- ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano:Como a globalização, impulsionada pelos Estados Unidos, está produzindo potências emergentes - que começam a mudar o equilíbrio político mundial**. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2008-10,a2484>. Acesso em: 12 de outubro de 2008.
- \_\_\_\_\_.The **Future of American Power,How America Can Survive the Rise of the Rest**. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.org/20080501facomment87303/fareed-zakaria/the-future-of-american-power.html>. Acesso em : 25 set. 2008.

